

ANOTAÇÕES:



04/06 - às
comissões

DATA: ____/____/____

Projeto de Lei N° 062/2025, DE 02 DE JUNHO DE 2025

AUTOR: JOSEMAR SOARES VICENTE

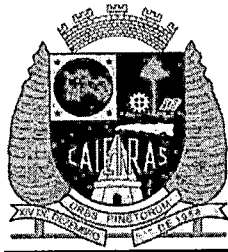
EMENTA: DÁ DENOMINAÇÃO À TRAVESSA QUE ESPECIFICA, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS

APROVAÇÃO: 18/06/2025.

AUT GRAFO N°: _____

LEI N°: 6237/25

PUBLICAÇÃO: 14/08/25



Câmara Municipal de Caieiras

PROJETO DE LEI Nº 062/2025, DE 02 DE JUNHO DE 2025

ÀS COMISSÕES EM:

Dá denominação à travessa que especifica, e dá outras providências.

04/10/25
JOSI

Presidente

A Câmara Municipal de Caieiras **APROVA:**

Art. 1º. Fica denominada "**Travessa Francisca Martins de Moraes**" a travessa localizada na Rua Agostinho de Souza, na altura do nº 450, bairro Jardim Morro Grande, em Caieiras.

§ 1º. Da placa indicativa deverá constar "**Travessa Francisca Martins de Moraes**".

§ 2º. A biografia da homenageada integrará a presente Lei.

Art. 2º. As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Caieiras/SP, data supra.

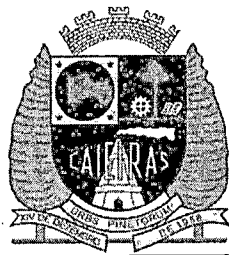
APROVADO
UNICA DISCUSSÃO
S.S. em 04/10/25

PRESIDENTE

JOSEMAR SOARES VICENTE

Vereador "Lagoinha Josi"





Câmara Municipal de Caieiras

BIOGRAFIA

Francisca foi a quarta filha a nascer do casal Antônio Martins de Moraes e Maria Madalena de Jesus Lira. Ele descendia de pai espanhol e mãe italiana; ela, de origem portuguesa. Como tantos imigrantes, o casal se estabeleceu na Paraíba, na cidade de Teixeira. No dia 28 de outubro de 1935, nasceu Francisca Martins de Moraes.

Sua família vivia da agropecuária e da agricultura. Todos eram muito preocupados com o racismo: se alguém da família se relacionasse com uma pessoa negra, era excluído da herança.

Foi nesse contexto que Chica e seus irmãos foram criados. Aos 16 anos, ela casou-se com um rapaz louro de olhos azuis. Teve três filhos com ele, dos quais sobreviveram apenas um menino e uma menina. Aos 21 anos, Chica ficou viúva, pois seu marido foi assassinado em razão de uma rixa entre parentes (primos dela), que já existia antes mesmo de seu casamento.

Infelizmente, ela precisou se desfazer de todos os bens que possuía. Dois anos depois de ficar viúva, mudou-se para o Paraná, pois a convivência em Ibiara, onde morava com o marido, tornou-se insuportável devido às brigas familiares. Em 1960, ela chegou a Leopólis, no norte do Paraná, na região do Rio Paranapanema, para encontrar sua irmã, que já morava na cidade há dez anos. Chica trouxe consigo a mãe e o filho mais velho; a menina permaneceu morando com o avô paterno.

A viagem da Paraíba até o Paraná durou 28 dias em um transporte conhecido como "pau de arara". Ao chegar ao Paraná, Chica conheceu o patrão de sua irmã, um homem negro, viúvo recente, com 12 filhos (dez do primeiro casamento e dois do segundo). Cipriano era vereador, cartorário e juiz de paz na cidade, além de fundador do vilarejo conhecido como Jardimópolis. Homem respeitado e querido por todos, recebeu Dona Chica e Dona Madalena com muita atenção. Na época, Chica estava com 26 anos e era viúva. Dona Madalena logo a alertou: Cipriano era negro. Isso, porém, não impediu que, um ano depois, Cipriano, homem importante na região, casasse com Chica, que trabalhava como empregada em sua casa e logo se tornou patroa.





Câmara Municipal de Caieiras

Esse casamento causou grande confusão entre os filhos de Cipriano: muitos acreditavam que uma jovem branca e nordestina só poderia estar interessada no patrimônio dele.

A vida de Dona Francisca (Chica) se transformou financeiramente, mas suas responsabilidades só aumentaram. Em quatro anos de casamento, o casal teve quatro filhos, todos afrodescendentes — o que, na época, era considerado um escândalo racial. Ninguém poderia negar que eram filhos de Cipriano.

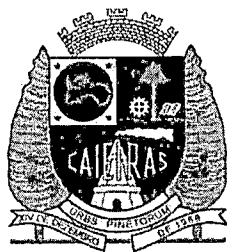
Cipriano foi reeleito vereador por mais quatro anos, totalizando 16 anos de mandato. Depois, foi delegado e, finalmente, juiz de paz. Infelizmente, nove anos após casar-se com Chica, Cipriano contraiu um empréstimo alto para investir no plantio de algodão e café e financiar uma campanha política. Porém, nada deu certo: o algodão foi atacado pela praga rosada e o café foi dizimado por uma das maiores geadas já registradas, em 1972. Seu candidato perdeu as eleições. Em 1975, a falência de Cipriano foi decretada.

Dona Francisca, então com quatro filhos menores, mudou-se para a cidade de Cornélio Procopio, onde comprou uma lanchonete na rodoviária. Em menos de dez anos, a paraibana que havia sido empregada virou patroa, andava de salto alto e era chamada de "Senhora Francisca". Foi excluída pela família na Paraíba por ter se casado com um homem negro. Sofreu humilhações por parte dos enteados e muitos vizinhos duvidaram de sua honestidade.

Quando Cipriano faleceu em 1982, Dona Chica decidiu vender a casa que ainda possuía e mudou-se para São Paulo, onde sua irmã (a mesma que a levara para o Paraná) já morava há alguns anos.

Em São Paulo, fixou-se na Freguesia do Ó. Colocou os filhos para trabalhar e estudar. Nenhum deles se envolveu com drogas, bebidas ou crimes. Ao contrário: a filha mais velha formou-se em enfermagem; a segunda tornou-se cozinheira e nutricionista escolar; o terceiro tornou-se bombeiro civil; e o mais novo, funcionário de uma multinacional. Para sustentar a família, Dona Chica costurava em casa para fora e ainda fazia todo o serviço doméstico.





Câmara Municipal de Caieiras

Em 1991, seu filho mais novo comprou o primeiro pedaço de terra da família Sousa no bairro Morro Grande, em Laranjeira, Caieiras. Dona Chica se estabeleceu ali, construiu sua casa, plantou, colheu e foi feliz. Conseguiu reencontrar a filha que havia deixado na Paraíba, mas, infelizmente, teve de enterrá-la no cemitério do Morro Grande, aos 40 anos, vítima de AVC. Anos depois, perdeu também o primeiro filho de seu primeiro casamento, que sofria de Doença de Chagas e não fez o tratamento adequado.

Com tudo isso, Dona Chica ficou muito abalada, mas **nunca deixou de amar o lugar onde morava** — Caieiras, no Jardim Serra Grande. Ela dizia: "Esta é a cidade do sonho de qualquer um... Quando eu morrer, quero ser sepultada aos pés desta serra."

Ela queria ser enterrada ali, mas, infelizmente, isso não foi possível. No dia 21 de maio de 2014, Dona Chica faleceu. A paraibana destemida e trabalhadora deixou sua marca por onde passou. Seu companheiro Cipriano Oliveira foi homenageado com o nome de uma rua em Neópolis, Paraná. Gostaria de homenagear Dona Chica, pois ela foi a **primeira moradora do pé da serra**.

